

## **O ATEOTEÍSMO DE PASCOAES: RETÓRICA, INDECISÃO, OU APROFUNDAMENTO?**

No pensamento metafísico-religioso do visionário do *Marânus* e sonhador do *Duplo Passeio*, tem singular relevância o ateoteísmo da última fase, já pelo carácter paradoxal da denominação, já pela originalidade da doutrina, pelo menos no nosso meio.

Que significa este neologismo e oxímoro na evolução da mundividência e ontoteologia de Pascoaes? Como se relaciona com a filosofia europeia contemporânea e com a problemática universal, persistente, acerca da origem do mundo, da existência de um Princípio divino e da relação deste com o Universo em evolução?

As respostas não são consonantes. Vieram a público, recentemente, três estudos em que o ateoteísmo de Pascoaes é muito diversamente avaliado. Propõno-me apresentar algumas reflexões sobre a matéria, nesta breve comunicação.

É possível fazer uma leitura da obra poética e filosófica de Pascoaes em chave de panteísmo. Mas, que tipo de panteísmo? Manteve-se idêntico ao longo de toda a sua obra?

Pascoaes foi efectivamente panteísta. Ele próprio o confessa na conferência *O Génio Português na sua Expressão Filosófica, Poética e Religiosa*, em 1913, na qual fez o “estudo da Poesia moderna e da sua originalidade”. Aí diz expressamente: “*a nova poesia é verdadeiramente panteísta, dando-se ao espírito desta palavra uma vida nova e mais intensa*”<sup>1</sup>. O Saudosismo, que então propugnava como filosofia e

---

<sup>1</sup> TEIXEIRA DE PASCOAES, *O Génio Português na sua Expressão Filosófica, Poética e Religiosa*. in “A Saudade e o Saudosismo” (org. Pinharanda Gomes). Lisboa: Assírio e Alvim, 1998, p.77.

religião da saudade, é qualificado de “*panteísta, revelador e criador dos aspectos viventes e misteriosos da Criação, é escultural, por essência*”<sup>2</sup>. E o seu panteísmo é dito saudosista<sup>3</sup>. E, porque, o Saudosismo se identifica com a alma lusíada, nós somos o único povo panteísta. O nosso panteísmo não é bebido como o dos poetas estrangeiros em livros de filosofia; é original e bebido na alma da Raça, um “*animismo saudosista*”<sup>4</sup>.

Estamos, pois, perante um panteísmo peculiar, não tanto em sentido filosófico estrito, mas sobretudo em sentido poético, no qual a saudade é erguida a metáfora do real, na sua dualidade subjectiva de memória e desejo, de presença e ausência, a que corresponde a concepção da natureza com uma dupla face, visível e invisível, sendo a face oculta aos olhos do vulgo tornada visível pela fantasia dos poetas, como névoa etérea, halo espiritual, irradiação divina a envolver o cosmos.

Para este panteísmo, nas palavras do Poeta, “*Deus não é todas as coisas, como pretendem os outros panteístas. Deus é uma sombra espiritualizada da Natureza, o seu fantasma inatingível, vivendo, para além dela, num silêncio misterioso e remoto*”<sup>5</sup>.

Este panteísmo mito-poético está presente, desde o início, na produção poética de Pascoaes; vêmo-lo no seu livro *Sempre*, de 1898 quando interpreta a aparição das coisas na sua dependência de Deus. Do Céu azul qual rosto etéreo, divino, cai sem descanso, indefinidamente, a lágrima do mundo, que revela como sinal de dor, o desgosto de Deus ao criar a Natura, pois viu dentro dela a própria sepultura.

Mas esta natureza, que vem de Deus e é marcada pela dor, ascende para ele em sacrifício de amor, penetrada pelo Espírito, que é a sua virtude sobrenatural, o seu poder infinito de excedência, de auto-transfiguração ideal, como se vê noutro livro, *As Sombras*, de 1907: “*E assim, a Vida é o grande sacrifício/ Que a Deus faz a sensível Natureza,/ Para que Deus exista em dor e amor*”<sup>6</sup>.

---

<sup>2</sup> IDEM, *Ibidem*, p.82.

<sup>3</sup> IDEM, *Ibidem*, p.83.

<sup>4</sup> IDEM, *Ibidem*, p.77.

<sup>5</sup> IDEM, *Os Poetas Lusíadas*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1987, p.110.

<sup>6</sup> Cf. TEIXEIRA DE PASCOAES, *Uma Carta a dois Filósofos*, in “A Saudade e o Saudosismo”, ob.cit., p.187.

São claras aqui as ressonâncias do evolucionismo panteísta ascensional de Junqueiro e do panteísmo emanacionista redentorista de Bruno. Este panteísmo saudosista, também dito “idealismo saudoso” e “misticismo naturalista”, vai tornar-se, entre 1912 e 1919, por força da campanha político-cultural a que Pascoaes se devotou, filosofia e metafísica da saudade, com o nome de Saudosismo e, portanto um panteísmo filosófico, em que se expressa teoricamente a relação do mundo com Deus e de Deus com o mundo, pela mediação teórico-metafórica da saudade.

No entanto, Pascoaes não chegou a este panteísmo saudosista de cariz filosófico-poético sem intermitências contrastantes.

Confrontando a inspiração doutrinária da produção poética inicial com o primeiro escrito filosófico em prosa, aparecido em 1907 e intitulado *O Sentido da Vida*, e com a polémica que se lhe seguiu travada com Januário Leite, somos levados a crer que o panteísmo das primeiras composições não era muito mais que uma metáfora, uma figura de estilo, ou retórica poética.

Na verdade, neste artigo se encontra o primeiro confronto do poeta com a ciência do seu tempo, no caso, com o evolucionismo biológico darwinista, em que Haeckel e Le Dantec firmaram o seu monismo materialista.

Aceitando como demonstrado cientificamente o evolucionismo ascensional da Natureza, segundo o princípio de que “*a vida mais perfeita atrai a menos perfeita*”, Pascoaes defende que “*os fenômenos espirituais formam um mundo distinto do animal, um novo Reino, o último em que se divide o Universo e para o qual os três reinos anteriores caminham realizando os seus respectivos fins. Os seres psíquicos superiores constituem um mundo novo perfeitamente distinto e caracterizado; formam uma escala-psíquica, onde Deus ocupa o lugar correspondente ao do homem na escala zoológica*”<sup>7</sup>.

Esta escala psíquica dos seres espirituais poderia fazer-nos supôr que estávamos chegados a um espiritualismo estreme, quase platónico. Mas não, o novo Reino não é mais que a última fase da Matéria.

---

<sup>7</sup> IDEM, *O Sentido da Vida*, in “Apêndice documental” de MÁRIO GARCIA, *Teixeira de Pascoaes*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1976, p.280.

Com efeito, escreve: “*sendo eles seres corpóreos e materiais, todavia não são corpos orgânicos e inorgânicos; a sua estrutura não é nem celular nem atômica; podemos compará-la à do éter, seguindo a concepção de Haeckel. São, portanto, de estrutura dinâmica; e assim a face espiritual do Cosmos é o traço de união entre a massa ponderável e o éter primordial, fechando-se o círculo que a natureza descreveu, animada pela extraordinária força de excedência*”<sup>8</sup>.

E que esta teoria é objectiva, diz Pascoaes, afirma-o o próprio Haeckel, ao declarar que dentro de alguns anos se poderá verificar experimentalmente.

Assim, nesta fase e filosoficamente, Pascoaes, como aliás outros jovens do seu tempo, nomeadamente Leonardo Coimbra, não é panteísta, nem teísta mas antes monista-materialista. No entanto, Deus não desaparece do seu horizonte poético e filosófico; passa a ser criatura da natureza e do homem, em vez de criador: “*Existe, vive no homem, assim como/ Na terra a criatura vegetal;/ É do mundo, e pertence à Natureza,/ De que ele é, na verdade, a flôr mais bela*”<sup>9</sup>.

Quer dizer, parece ter substituído o pantiteísmo inicial e mitopoético - Deus está em tudo, em movimento descensivo e diversificador até à matéria - por um panenteísmo evolutivo, reintegracionista - tudo está em Deus, em movimento ascensional de fim sublimatório e redentorista - no qual Deus é mais projecção da capacidade sonhadora e imaginária do homem, do que verdadeiramente real, como defende Feuerbach.

Pascoaes assim permanece, pelo menos até 1915, e apesar da campanha saudosista. Com efeito, em *O Génio do Povo Português*, em que defende o seu saudosimo panteísta e propugna a nova religião da saudade, afirma que “*as criações espirituais são tão verdadeiras como as criações materiais, porque aquelas resultam destas. Entre as duas criações não pode haver interrupção de natureza. O próprio espírito é matéria evoluida*”<sup>10</sup>.

Mas, também surge no mesmo opúsculo o primeiro sinal de transmutação, ou abertura ao espiritualismo metafísico-religioso. Com efeito, além de afirmar nele a sua oposição ao cientismo positivista e anti-

---

<sup>8</sup> IDEM, *Ibidem*, p. 283.

<sup>9</sup> IDEM, *O Ser Espiritual*, in “Obras Completas”. Lisboa: Bertrand, s.d., p.174.

<sup>10</sup> IDEM, *O Génio Português (...)*, in “A Saudade e o Saudsismo”, ob. cit., p.87, n.18.

religioso, manifesta a convicção de que serão religiosas as forças que hão-de transformar o mundo. E congratula-se com o renascimento religioso já verificado então. Refere: “*Encontra-se bem claro, não só na obra de Edouard Schurée, como nas obras dos modernos filósofos William James, Stein, Bergson, Boutroux, etc, e ainda no progresso das várias sociedade esotéricas espalhadas pelo mundo*”<sup>11</sup>.

Certamente sob o influxo desta verificação de facto e do conhecimento da obra *A Evolução Divina da Esfinge ao Cristo*, de Schurée, aparecida no ano anterior, transita da cosmovisão monista-meterialista para uma cosmovisão panteísta dualista gnóstica. A Matéria deixa de ser o éter haeckeliano, para se identificar com o princípio metafísico do Mal. Por outro lado, na mesma obra encontra a confirmação do conceito da Saudade como síntese de paganismo e cristianismo.

Os primeiros sinais de mudança surgem no livro em prosa *Verbo Escuro*, em 1914. Pascoaes começa por considerar um ilogismo a admissão de que o ser psíquico superior ou Deus, que é o mais perfeito, possa brotar do menos perfeito o homem, o que daria um efeito superior à causa. Daí que comece a surgir a ideia de um Princípio imaterial, por detrás da matéria, que seja o suporte ontológico da própria matéria e do espírito, tal como se apresentam na consciência humana.

Tal ideia parece ter apoio na aceitação dos vários níveis ontológicos dos entes da natureza, atestados pela ciência. Vai ao ponto de reservar para cada um deles um verbo específico: as coisas materiais “*existem*”; o homem “*vive*”; Deus é identifica-se com o “*ser*”. Deus, dito o “*Verbo originário*”, é em si mesmo, fora da consciência humana, embora só por ela e nela viva. Já não aparece, simplesmente, como criatura do homem, mas, enquanto “*existente*” é o primeiro criador e só enquanto vivente é “*a última criatura*”.

Neste panteísmo inspirado na saudade, com a sua estrutura dual, Deus aparece como Origem e Fim, como Princípio do ser e horizonte de realização do mesmo ser.

Faltava, porém, explicar o acto criador de Deus, isto é, de que modo o mundo foi originado por Deus e, sobretudo, o mundo manchado pelo mal.

Pascoaes responde a estas questões essenciais, recorrendo ao panteísmo emanatista dualista da gnose. Vemo-lo claramente, no artigo

---

<sup>11</sup> IDEM, *Ibidem*, p. 93.

*Uma Carta a Dois Filósofos*, de 1915, onde dialoga com Leonardo Coimbra e Teixeira Rego.

Comentando o último capítulo do livro de Leonardo *O Pensamento Criacionista*, capítulo intitulado *O Problema do Mesmo e do Outro*, opõe ao optimismo ontológico e existencial de Leonardo, fundado no seu teísmo criacionista, um pessimismo insuperável, ao estilo da gnose antiga, na sequência de Sampaio Bruno e Junqueiro.

Pascoaes começa por retomar o mote da poesia da Índia, evocado por Leonardo: "*Deus quis ser muitos*". E acrescenta: por isso, também quis ser homem. Mas, logo divide os homens em santos e malvados. E este dualismo moral prevalece sobre o dualismo ontológico enunciado na frase, isto é, sobre o problema do uno e do múltiplo. E explica: "*O Mal e o Bem existiram quando o Mesmo se fez Outros*".

Assim, Deus, no acto da criação, ao excluir "*e se eu fosse muitos*", lançou os alicerces do Céu e do Inferno e viu o seu corpo glorioso desdobrar-se em matéria lúgubre de sombra. O Mal é a condição do Bem. Os dois não se concebem, nem são um sem o outro, apesar de contrários. A criação dividiu Deus em Bem e Mal: "*Satanás revelou Deus a Deus*".

Esta condição divina terrível acontece por força do Destino, do mistério trágico do "*Fatum*", por inelutável e misteriosa necessidade, pois ao Destino, esse limite de treva impenetrável, nada escapa - nem o homem, nem Deus.

Assim, o dualismo moral experimentado no homem transforma-se em dualismo ontológico e teológico. Deus divide-se em si mesmo ao criar, ou seja, a criação consiste nesta cisão em Deus que se transforma em Bem e Mal, isto é, "*Deus - Mesmo, divino e transcendente, e Deus - Outros, nocturno e diabólico*"<sup>12</sup>.

Bastam estas afirmações para provar que, no artigo citado, Pascoaes adopta explícita e desenvolvidamente o panteísmo emanatista dualista da gnose, essa doutrina filosófico-religiosa e tradição que vem do fundo dos tempos, com raízes nas teogonias e cosmogonias da Antiguidade oriental, passando por Anaximandro e pelo Orfismo, persistindo em contraste com o conceito cristão de criação, desde o século II, no Gnosticismo helenista, no Maniqueísmo, na Kabala hebraica, entre os Cátaros dos séculos XII e XIII, na cosmofofia da

---

<sup>12</sup> IDEM, *Uma Carta a dois Filósofos*, in "A Saudade e o Saudosismo", ob. cit., p.181.

Renascença, em Böhme do século XVI, nas obras do II Schelling, nos filósofos russos dos séculos XIX e XX, e que contemporaneamente chegou até nós através de Sampaio Bruno, Junqueiro, Pascoaes, Fernando Pessoa, e outros.

O criacionismo de Leonardo Coimbra está muito próximo da teologia cristã da criação. Em virtude do seu idealismo gnosiológico e do socialismo cósmico ou monadologia, em que Deus é concebido como Uno - plural, isto é, como actividade unificadora da pluralidade, o criacionismo não atinge a transcendência absoluta de Deus e mantém-se no âmbito da gnose idealista moderna pós-hegeliana.

Para Leonardo Coimbra, os últimos problemas que o pensamento criacionista defronta na sua progressão dialéctica, desde a ciência à metafísica, são o problema do Ser e o problema de Deus.

O problema do Ser é o problema do Mesmo e do Outro, da unidade e da pluralidade dos seres.

O problema de Deus vem a ser o problema do panteísmo e do teísmo, ou seja, da “*imanente identidade divina de todo o Ser*” e do “*pluralismo imanente do Ser, transcendentemente unificado pela fraternidade das consciências, que, na suprema consciência divina, se penetram*”<sup>13</sup>.

Esta transcendência de Deus não é, pois, absoluta, mas relativa, isto é, própria do “*socialismo cósmico*”, ou da “*fraternização teísta*”, porque o Mesmo não é sem os Outros, ou Deus não é sem as criaturas. Leonardo rejeita a fusão panteísta, porque para ele, as individualidades são tão reais como a identidade, ou o Outro é tão real como o Mesmo, mas não concebe a unidade senão como uma relação dos plurais ou unidade da pluralidade, porque para ele não há qualquer absoluto, a unidade absoluta seria “*cousista*”.

É neste contexto que explica o acto criador de Deus que deu origem ao mundo. Usa primeiro uma metáfora física: “*Um movimento de expansão cindiu os seres, criou as individualidades*”. Evoca depois a poesia religiosa da Índia que nos diz: “*Deus, na sua imensa solidão, suspirou: Ah! Se eu fosse muitos! E o mundo fez-se*”.

Primeiro, foi a cisão originária, imagem de ordem física; agora usa uma metáfora de ordem psíquica consciente, isto é, da ordem do desejo de amar e ser amado, que em Deus é imediatamente eficaz.

---

<sup>13</sup> LEONARDO COIMBRA, *O Pensamento Criacionista*, in “Obras de Leonardo Coimbra”, vol. II, Porto: Lello e Irmão Editores, p.121.

Falta ainda a explicação de ordem ontológica; e Leonardo também a dá. Eis, segundo ele, “o único motivo da existência das criaturas: *Elas são, porque a simples unidade é uma abstração estéril; a verdadeira unidade é a que se faz por entre resistências e estorvos*”<sup>14</sup>.

Quer dizer, para Leonardo a unidade pura e simples, absoluta, plena, sem qualquer composição interna ou relação de alteridade externa, é abstracta, infecunda e portanto irreal, porque a realidade é obra sintética do pensamento, é construída no seu movimento dialéctico. A unidade, para o criacionista ou para a Razão experimental, é dinâmica, construída por entre resistências vindas da intuição, ou sempre constituída pela relação de reciprocidade dos contrários. Portanto, não existe sem oposição externa, e a experiência revela esta alteridade externa.

Daí que as criaturas sejam trespassadas por duas forças: a separativa, que resulta da expansão originária e consequente cisão; e a unitiva, que resulta da unidade primitiva e tem como consequência a atracção. Deus, portanto, para o criacionismo de Leonardo, não é concebido como unidade transcendente absoluta, e as criaturas são constituídas por uma relação de contrariedade e de complementaridade, ou constantemente perpassadas por ondas de atracção e repulsa, de amor e ódio. Daqui a tragédia da vida humana que só pode ser superada, como acentua Leonardo, quando o outro é objecto de amor, mas do perfeito amor cristão, que coloca o outro na Unidade do amor originário, unidade essencial e primitiva.

Entre Deus e as criaturas existe, pois, uma união de contrários: união de identidade - o Mesmo, e alteridade - o Outro; de unidade - Deus, e pluralidade - criaturas, que é sempre uma relação de reciprocidade, porquanto cada um dos contrários não é sem o outro e não é senão pelo outro.

Daqui se conclui que o primeiro princípio que rege o conhecimento de estrutura do Universo e a relação do universo com Deus, ou seja, o princípio ontológico supremo lógico é o princípio de contrariedade e de complementaridade, em vez do princípio de identidade e não contradição absolutas.

Pascoaes é o exemplo da persistência da gnose antiga nos tempos modernos e contemporâneos e mantém-se nesta posição global até ao fim da sua vida, embora com formulações poéticas e filosóficas

---

<sup>14</sup> IDEM, *Ibidem*, p.121.



diversificadas, de que podem ser exemplos paradigmáticos o *Bailado*, *O Pobre Tolo* e o *Ateoteísmo*. Ao chegar ao tempo das grandes biografias, desde *Napoleão* e *Duplo Passeio*, mas sobretudo em *S. Agostinho*, atinge o apogeu do aprofundamento ontoteológico e da originalidade do seu pensamento metafísico, tornando-se um Poeta-Filósofo quase pós-moderno. O ateoteísmo - paradoxo em palavras - supõe uma nova lógica, ou seja a lógica da união dos contrários que Pascoaes exprime noutros oxímoros como o absurdo lógico, o absoluto relativo, a afirmação negativa e que adopta desde a descoberta da saudade e da sua concepção dual como lembrança e esperança, memória e desejo, inseparavelmente, matriz da ambiguidade que perpassa toda a sua obra de pensamento.

Esta união de contrários é vivida tragicamente no plano ético - o Mal é condição do Bem, em Deus e nas criaturas; no plano gnosiológico - a afirmação negativa e a negação afirmativa, o absurdo natural; e no plano teológico - o ateoteísmo.

Esta nova lógica recebe uma explicitação formal e radical, quando Pascoaes converte o primeiro princípio lógico e ôntico da Metafísica clássica - o princípio de identidade e não contradição, em princípio de identidade e contradição complementares: Com efeito escreve: “O princípio tradicional de identidade - *A é A* - é falso. O verdadeiro é: *A é A e não A*”<sup>15</sup>.

E noutro lugar: “*A questão não é ser ou não ser; é ser e não ser*”<sup>16</sup>.

O primeiro princípio ontológico deixa de ser o princípio de não contradição, absoluto, universal e necessário; e passa a ser o princípio de contrariedade, ou contradição complementar, que não pode, naturalmente ser do mesmo modo absoluto, universal, necessário; mas, dizendo respeito aos entes contrários, isto é, que não se excluem totalmente, conservando algo em comum na sua oposição, este princípio não pode ser senão relativo, particular e contingente.

Esta formulação é, pois, um reducionismo ontológico, enquanto esquece o ser puro, ou seja, não tem em conta a diferença ontológica ou a diferença entre essente (substantivo) e ser (verbo); e assim reduz o horizonte da realidade e do conhecimento ao ente, como conceito transcendental, e ao conjunto dos entes como seu sujeito. É um ontolo-

<sup>15</sup> TEIXEIRA DE PASCOAES, *Duplo Passeio*, in “Obras Completas”, X. Lisboa: Bertrand, 1975, p.232.

<sup>16</sup> IDEM, *S. Jerónimo e a Trovoada*. Porto: Lello e Irmão-Editores, 1936, p.58.

gismo; e tem como consequência colocar fora do conhecimento e da realidade o ser puro, precisamente a condição formal do essente, isto é, aquilo que faz o ente ser ente, como fonte, fundamento e fim de tudo o que é. Sendo assim, Pascoaes não pode considerar Deus senão como um ente, apesar de lhe dar o nome de Ser. Não o pode considerar como ser puro, cuja actividade, como verbo, é precisamente excluir o não ser, e isto absolutamente. Daí que aplique a Deus o princípio de contrariedade, isto é, a união dinâmica de contrários ou composição dialéctica, dividindo Deus em Bem e Mal, Deus-Mesmo e Deus-Outros, Deus-só-Deus e Deus-Criador.

A divisão e composição entitativa em Deus é que possibilita o aparecimento do ateoteísmo.

Este oxímoro implica mais dois conceitos: a mudança em Deus e a criação. Com efeito, a união de contrários, para ser de algum modo compreensível, lógica e não absurda, exige que entre eles se estabeleça a mudança, o movimento, a dinâmica, de modo que um contrário seja no outro e pelo outro.

Assim implica a mudança em Deus, a metamorfose de Deus-só-Deus, ou do Princípio primordial, em Deus-criador. O que opera esta metamorfose - divisão e oposição em Deus Mesmo, é a criação como acto de Deus originante dos Outros ou do mundo.

E que levou Deus-só-Deus a criar ou tornar-se criador?

Pascoaes apresenta como motivo, em primeiro lugar a necessidade inelutável do Destino, ao qual o próprio Deus está sujeito e para o qual, no fim de contas e implicitamente, é transferida a absolutidade, a necessidade e a incognoscibilidade ou o mistério de Deus-só-Deus.

Mas o Deus Criador que se manifesta na obra da Criação ou Natureza, para nós a única face visível de Deus e na qual o Deus-só-Deus se transforma, não pode ser senão um Deus diminuído, alterado, diferente, cindido do Princípio primordial ou Deus-só-Deus.

Este motivo e concepção do acto criador como cisão divina é de nível epistemológico físico, isto é, espaço-temporal, dinâmico e material.

Pascoaes aponta outros dois motivos para a criação, de nível antropológico, que são a ilusão e o suicídio ou aniquilação. A ilusão é entendida primeiro, na sequência da etimologia da palavra, como jogo ou divertimento; supõe a intenção malévola, em Deus, de riso e entretenimento com as caricaturas de si que são os seres criados. E é entendida, em segundo lugar, como erro, ou engano fortuito, que supõe que Deus não é omnisciente e a criação é uma mentira e dissimulação, uma sombra da verdade e da luz.

Estes motivos, porém, para além dos aspectos negativos e demasiado antropomórficos, fazem supôr que a criação aconteceu em Deus, não por necessidade como víamos há pouco, mas por intenção malévola ou liberdade, e até mesmo, por acaso. Daí que Deus não apareça como onipotente e como infinita bondade, mas acabe por ter remorso da obra feita, ou seja, da Criação. Este remorso transforma-O de Criador em Redentor, uma vez que se solidariza com o mal das criaturas, fazendo-as regressar à origem, à Unidade primitiva e, particularmente, libertando o homem da tragicomédia da vida, através do regresso ao Paraíso.

O segundo motivo de nível antropológico apresentado por Pascoaes é o suicídio ou a morte de si mesmo, logo elevado ao nível epistemológico, metafísico e ontológico, pelo recurso ao conceito de aniquilação.

Com efeito, o conceito de ateoteísmo supõe a passagem de Deus-só-Deus, ou do Princípio primordial, ao Nada. Seguidamente, a metamorfose de Deus é a passagem do Deus-Nada a Deus-Criador.

Para que tal aconteça, para que se torne Criador, é necessário que Deus-só-Deus se aniquile, se faça um nada, esvaziando-se de si mesmo, o que equivale a um suicídio, no caso, deicídio. Deus dá a morte a si mesmo para se tornar criador.

Quer dizer, esta concepção do acto criador, implicando tão radical metamorfose em Deus, suprime o conceito de cisão originária e de ilusão ou erro fortuito, como processo e motivos da criação e, radicaliza totalmente o modo de relação entre Deus e o mundo. Na verdade, ao esvaziar-se de si mesmo ou tornar-se Deus-Nada, o Deus-Princípio primordial desaparece, tornando-se totalmente imanente ao mundo, isto é, o mundo é divinizado no acto criador, Deus persiste identificado com o mundo, desaparecendo Deus-só-Deus, que se fez nada, para se metamorfosear em mundo. Desaparece, pois, o Mistério, a Sombra, o Deus-Princípio primordial.

No fim de contas, teríamos um panteísmo radical, monista, a identificação perfeita entre o mundo e Deus, ou seja, um ateísmo do Deus-Princípio primordial, transcendente, Mistério inacessível, e um teísmo Deus identificado com o mundo.

É precisamente o que Pascoaes exprime pelo seu paradoxal ateoteísmo. Quer dizer: teísmo, portanto, afirmação da existência de Deus; ateu porque Deus, na sua essência, se tornou “Nada”, ao criar e para criar; tornou-se Deus-sem-Deus, Deus-Morto, Deus-Aniquilado para criar o mundo.

Diz Pascoaes que Deus é o único ateu perfeito; daí falar-se do ateísmo de Deus, ou fazer-se Deus negador de si mesmo, o que equivale a pôr o absurdo em Deus.

Preferivelmente, deverá falar-se de ateidade, enquanto atributo de Deus-só-Deus ou Princípio primordial, declarativo da sua essência em metamorfose criadora. O ateoteísmo de Pascoaes não se identifica com o simples ateísmo de Deus, mas antes com a ateidade de Deus. O ateísmo ou negação de Deus é dos homens autores dessa negação, como o ateoteísmo é de Pascoaes e não de Deus.

Corresponde o ateoteísmo de Pascoaes a uma fase de incerteza, de indecisão ou mesmo de descrença? Tornou-se Pascoaes, nesta fase final, niilista e ateu?

Na juventude, o confronto com o evolucionismo científico levou-o à admissão de um monismo materialista evolucionista, em que Deus não era mais do que um Ideal necessário à vida e expresso em poesia, uma projecção fantasiosa do coração do homem movido pela saudade da Origem, em busca do futuro, ao estilo de Haeckel e Feuerbach. Agora, na maturidade, confronta-se de novo com uma teoria científica: a física quântica e o princípio de incerteza de Heisenberg. E nasce o ateoteísmo.

Pode tomar-se como um ateísmo radical e ontologicamente fundamentado, um niilismo, depois da morte de Deus proclamada por Nietzsche?

Aplicando ao oxímoro ateoteísmo a lei da contrariedade, ou da união dialéctica dos contrários, nenhum deles pode desaparecer, pois significa precisamente a união inquebrantável dos dois opostos, sem superação possível. Este princípio foi adoptado por Pascoaes como o princípio lógico supremo. Daí que, embora nos possa parecer ora ateu, ora teísta, nunca é exclusivamente uma coisa ou outra, ou seja, exclusivamente ateu, ou exclusivamente teísta. Mas parece antes segurar os dois termos, um em cada mão.

Equivale esta interposição pessoal entre teísmo e ateísmo a escolha pela incerteza, indecisão ou indeterminação? Ou será uma opção pelo absurdo como princípio da Lógica, pelo irracional como fonte da Razão, e pelo Nada como fonte do Ser? Portanto, pelo cepticismo total?

Pascoaes, mesmo na fase final não autoriza tal interpretação, apesar das aparentes oscilações de um impressionismo subjectivista, inerente à sensibilidade poética. Sem dúvida, parece muitas vezes

aceitar como fatalidade o “Bailado Carnavalesco” das criaturas, em que também joga a sua máscara sob o riso irónico de Deus, ou reverse-se na figura do “Pobre Tolo”, de todos os lunáticos e cismadores deste mundo.

Sim, ele é acima de tudo poeta. E a certeza do poeta não é certeza metafísica, da racionalidade apolínia, mas antes a certeza incerta, trémula, da meia luz ou da penumbra, onde se juntam a sensibilidade, o sentimento e a razão, em vivência indiferenciada.

No entanto, ele não desconhece a hipótese do Deus único, pessoal, transcendente, e apresenta, na sua obra, alguns assomos nesse sentido. Chega ao ponto de substituir o sentimento e a racionalidade pela crença no impossível: “*Acreditai até no que não há, / E esse impossível, esse Nada existirá*”<sup>17</sup>.

Por que não, a crença nesse impossível Deus-Nada, que nunca indentificou com o Nada absoluto? Não será o ateoteísmo uma tentativa de fuga ao panteísmo dualista gnóstico, sem dar conta de que ele conduz a um panteísmo radical, ou a um desafio ao Mistério, mesmo para além da Razão?

Pelo menos, é a prova de que Pascoaes buscou Deus até ao fim, até pelos caminhos da irracionalidade, do absurdo, do impossível. Será esta uma forma de fideísmo - “creio, porque absurdo” ?

Segundo a sabedoria popular, quem procura sempre alcança. Porque, na verdade, não se procura senão aquilo que já, de algum modo, se encontrou.

Deus está presente, no espírito e na obra de Pascoaes, como tema obsediante, como inquietação permanente, como Sombra e Silêncio, como Sonho e Além, como Memória da Origem e Desejo do Paraíso, como Divina Saudade, até ao fim...

Ângelo Alves  
*Professor Jubilado da Universidade  
Católica Portuguesa - Porto*

---

<sup>17</sup> TEIXEIRA DE PASCOAES, *Sempre* (1898), citado em *A Alma Ibérica e Da Saudade* (1952), in “A Saudade eo Saudosismo”, ob. cit., pp. 256, 238, 247.

